

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA - ESEFID
EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA

RONALDO DO PRADO IGNÁCIO

**APROPRIAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS BRECHAS DAS AULAS DE
MULTIESPORTES**

Porto Alegre

2020

RONALDO DO PRADO IGNÁCIO

**APROPRIAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS BRECHAS DAS AULAS DE
MULTIESPORTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof^ª. Raquel da Silveira

Porto Alegre

2020

RONALDO DO PRADO IGNÁCIO

**APROPRIAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS BRECHAS DAS AULAS DE
MULTIESPORTES**

Conceito final:

Aprovado em.....de.....de.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. - ESEFID - UFRGS

Prof. Dr. - ESEFID - UFRGS

Orientadora - Prof^a. Raquel da Silveira - ESEFID - UFRGS

Dedico este trabalho de conclusão ao meu filho, Ariel Masera Ignácio. A ele todo o amor que couber nesta vida.

AGRADECIMENTO

Começo parafraseando Fernando Pessoa que diz que “tenho em mim todos os sonhos do mundo” e Leonardo da Vinci que afirma que “tudo o que está na realidade já foi um sonho um dia” para falar da importância de sonhar. Não fosse por esta capacidade, eu não teria chego até aqui. Agradeço então ainda haverem no mundo pessoas que acreditam na importância dos nossos sonhos e nos encorajam a lutar para que eles se concretizem.

Agradeço pela Universidade Federal, gratuita e de qualidade que ainda temos neste país. Por conta disso, milhares de pessoas já puderam se formar e milhares ainda poderão (espero), assim como eu. Lutemos pela manutenção desse direito. Atrelado a isso e não menos importante, agradeço a todos os mestres que passaram ao longo da minha trajetória acadêmica. Não fosse por esses professores estarem dispostos a transmitir com tanto afinco seus conhecimentos, apesar das adversidades, a UFRGS não teria a qualidade que tem.

Como não poderia deixar de ser - clichê, mas verdadeiro - sou grato a minha família, em especial ao meu filho, que me faz acreditar, a cada dia, que pode haver um mundo melhor. E que esse só é possível através do amor. E para Luciana Masera, que desde o início desta jornada acadêmica, quando tudo era apenas uma ideia, acreditou em mim, me apoiando para a concretização deste sonho.

RESUMO

Este trabalho trata da infância e suas relações com as práticas corporais. O objetivo é compreender a apropriação das crianças das aulas de Multiesportes, disciplina extracurricular ofertada em uma escola particular de Porto Alegre. Para tal, realizei observações sistemáticas e redigi diários de campo descrevendo o que eu presenciava. O foco foi olhar e compreender como as crianças participavam, aprendiam, brincavam e significavam aquele tempo, espaço e atividades ofertadas. Com isso, pude identificar que as crianças se apropriam de brechas durante as aulas, criam vínculos e conhecem o próprio corpo.

Palavras-chaves: Infância; Práticas Corporais; Atividades Extracurriculares.

ABSTRAT

This work is about childhood and its relations with bodily practices. The goal is to understand the appropriation of children in Multisport classes, an extra-curricular subject offered in a private school in Porto Alegre. For this purpose, I made systematic observations and wrote field diaries describing what I witnessed. The focus was to observe and understand how the children participated, learned, played and perceived the meaning of that time, space and activities offered. With that, I was able to identify that children take advantage of gaps during classes, create bonds and know their own bodies.

Keywords: Childhood; Body Practices; Extracurricular activities.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 Infância	10
2.2 Brincadeiras, quais os sentidos para a criança	15
3 METODOLOGIA	19
4 OBSERVANDO A DISCIPLINA DE MULTIESPORTES	25
4.1 Como as crianças vivenciam as aulas do projeto extraclasse Multiesportes	26
4.1.1 Brechas durante as aulas	27
4.1.2 Criando vínculos	32
4.1.3 Conhecendo o próprio corpo	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da minha trajetória na graduação, inúmeras foram as vezes em que professores das disciplinas práticas pontuavam a necessidade de um bom planejamento na hora de elaborar um plano de aula. Que devemos estar atentos para não deixarmos espaços ociosos durante a aula, diminuindo com isso, a possibilidade de que as crianças possam interagir entre elas de forma livre, evitando filas de espera, que possam gerar empurrões, conversas e brincadeiras paralelas. Chegando a mencionar, algumas vezes, que esse tempo na fila seria um momento improdutivo para as crianças. Não sei explicar o porquê, mas sempre que eu escutava isso, me gerava um certo desconforto.

Acredito que os professores que possuem essa forma de planejar suas aulas estão preocupados em passar para as crianças, os conteúdos de suas disciplinas de forma eficaz. Em um dos textos que utilizei para embasar o presente trabalho, há uma passagem que vem a corroborar com esta afirmação.

As disciplinas do curso de Educação Física com as quais eu havia tido contato abordavam, na sua maioria, aspectos biológicos do desenvolvimento motor das crianças e as teorias pedagógicas de como ensiná-las; pouco era tratado sobre aspectos culturais desses indivíduos (FREITAS, 2015, p. 8).

Penso que o meu desconforto se deve ao fato de eu pertencer a uma geração que após as aulas reunia-se na rua para brincar e trocar experiências, ficando até anoitecer, ingressando a casa pela insistência dos pais em chamar para jantar. Sei que atualmente essa realidade mudou por causa de inúmeros problemas urbanos, violência, drogas, entre outros. A partir dessa nova realidade, muitas crianças só têm contado com seus pares nas escolas que frequentam. Com isso a importância, cada vez mais, das atividades extracurriculares.

Nos estágios obrigatórios da Educação Física em licenciatura que fiz durante a graduação, uma das preocupações que tinha na hora de elaborar os planos de aula, era em não deixar os espaços para que as crianças interagissem entre elas. As escolas dos estágios são públicas e os materiais escassos, essa realidade influenciava na hora de organizar o plano de aula, já que em mais de uma situação, havia apenas uma bola para a realização da atividade, gerando filas e brincadeiras paralelas entre os alunos. Por influência de muitas das aulas práticas que participei

na Universidade, acreditava que minhas aulas teriam sido péssimas. Contudo com o passar do estágio e a sua concretização, fui percebendo, através das crianças, que esses momentos eram importantes e que era exatamente neles que ocorriam as mais importantes interações entre elas, as trocas de experiências, as vivências. A partir dessa observação surge o questionamento sobre até que ponto é, de fato, ruim para as aulas de Educação Física a interação, de forma livre, entre as crianças em alguns momentos da aula. E um segundo questionamento: se acaso as crianças não agregam conhecimentos, justamente, a partir desses momentos? Estes conhecimentos não são tão importantes quanto o aprendizado proporcionado pelas atividades propostas no plano de aula e transmitidas pelos professores?

Inspirado nas inquietações que surgiram ao longo da minha graduação, relacionado ao período ocioso entre a execução das atividades do plano de aula durante as aulas de Educação Física, é que surge o presente trabalho. Meu objetivo é buscar entender através de observações sistematizadas da disciplina extracurricular, ofertada em uma escola particular de Porto Alegre, a apropriação das crianças das aulas de Multiesportes. Para o trabalho, serão utilizados alguns estudos no campo da sociologia da infância para auxiliar. Após será apresentada a metodologia do estudo, e por fim, os resultados que apontam a apropriação de brechas durante as aulas, a criação de vínculos e o conhecimento do próprio corpo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Infância

Quem não se lembra da sua infância, das brincadeiras, dos amigos, das festas de aniversário, dos desenhos animados que passavam na televisão, dos brinquedos, dos constrangimentos, dos momentos de orgulho, dos momentos em que chorou até ficar sem lágrimas, dos momentos em que adoraria que chegasse logo a fase adulta. Todos nós passamos pela infância de maneira peculiar. Como qualquer outra fase da vida, a infância é uma experiência única para cada indivíduo, pois está diretamente ligada à época em que se vive, ao grupo social ao qual se pertence, à cultura familiar, à escola frequentada, às mídias utilizadas, aos laços de amizade, dentre tantos outros fatores que compõe como foi ou serão estas primeiras experiências da vida de cada um de nós.

Segundo Gomes (2008), os princípios da infância estão suficientemente próximos da realidade de cada criança. Nesse caso, cada uma delas, no curso da sua infância, manifesta-se, faz referências, tem experiências, vivências e reflexões a partir de suas necessidades, de seus interesses e de sua realidade cotidiana.

Mas o que é a infância? Para Freitas (2015), a infância é entendida como uma categoria social do tipo geracional, sendo que algumas abordagens mencionam infâncias, no plural, alegando que existem diferentes possibilidades de se viver esse momento da vida. Alguns autores a colocam como uma importante fase da vida, momento onde a criança internaliza a cultura e contribui ativamente para a mudança cultural de toda a sociedade (BARBOSA, 2007; GOMES, 2008).

Segundo Gomes (2008), a infância transforma a história, pois ela é nascimento, é brincadeira, é jogo e é transitoriedade, “sem a infância a vida cotidiana estagnar-se-ia apenas diante do rito, da sincronia e do visível” (GOMES, 2008, p. 179). Ainda segundo Santos (2010), a infância é algo indecifrável, enigmático. É a fase da vida onde somos crianças, e onde se iniciam o aprendizado e as descobertas.

Contudo, a infância nem sempre foi vista dessa forma, segundo Ariés (1986), este conceito é fruto de uma construção social. No século XII, as crianças não tinham espaço na sociedade, nem eram o centro das atenções das famílias. As crianças que nasciam, ficavam aos cuidados das mães até que deixassem de mamar e não

precisassem de tanta atenção. As que sobrevivessem aproximadamente até os sete anos, já seriam inseridas no mundo dos adultos sem nenhum preparo, com intuito de aprender um ofício, ou ajudar nos afazeres da família.

A mortalidade infantil nesta época era grande, fazendo com que as famílias tivessem muitos filhos para compensar a perda. Nesse cenário, os pais tinham dificuldade de criar laços afetivos com as crianças (ARIÉS,1986). Para o autor, outro motivo que contribuía para o desapego, era a prática comum das famílias, em mandar seus filhos para conviver com outras famílias como aprendizes. Em troca recebiam outras crianças em suas casas, muitas vezes, voltando a sua casa de origem adultos, isso quando voltavam (ARIÉS, 1986).

Durante os séculos XVI e XVII, as crianças começaram a ter mais espaço na sociedade, começaram a ser vistas como seres inocentes e que necessitavam de atenção. Começaram as preocupações com vestimentas, atividades, brincadeiras e espaços específicos. Na Idade Média, as crianças eram tidas como pequenos adultos, independentes e com condições de participar do mundo dos adultos, a infância era vista como uma fase transitória, (ARIÉS, 1986). Segundo o autor, a partir dos séculos XVI e XVII os laços afetivos dos pais para seus filhos aumentaram, a preocupação das famílias por educação e conhecimento teórico cresciam junto com a proliferação das escolas. A vontade de substituir as antigas práticas de aprendizagem por escolas, possibilitava manter seus filhos mais próximos, auxiliando na manutenção dos laços afetivos.

Entre o fim da Idade Média e os séculos XVI e XVII, a criança havia conquistado um lugar junto de seus pais, lugar este a que não poderia ter aspirado no tempo em que o costume mandava que fosse confiada a estranhos. Essa volta das crianças ao lar foi um grande acontecimento, ela deu à família do século XVII sua principal característica, que a distinguiu das famílias medievais, e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro (ARIÉS, 1986, p. 270).

Mais tarde, com a criação de instrumentos reguladores, com a convenção dos direitos das crianças e as com normas de agências internacionais de proteção ao menor, houve uma maior padronização na infância global, mesmo sabendo que existem diversas condições que influenciam a infância, e que ela depende de classe, gênero, cultura, religião, etc. Ficando dessa forma, mais próxima da infância que conhecemos nos dias de hoje.

Mesmo nos dias de hoje, com toda a preocupação mundial em proteger a infância, ainda encontramos casos de crianças que não estão vivendo suas infâncias da forma como foi convencionado. Normalmente esses casos estão relacionados com as classes sociais, mas também com a cultura e a religião. Para quem dirige nas grandes capitais, fica difícil não se deparar com cenas de crianças pedindo dinheiro, vendendo produtos ou demonstrando malabares com bolinhas nas sinaleiras para ajudar no sustento das suas famílias.

No documentário *A invenção da Infância* de Scimiedt, (2000), no qual são mostradas diversas famílias pobres do interior da Bahia, quando questionadas sobre o número de filhos que tiveram, as mães entrevistadas responderam já ter perdido filhos. Uma das entrevistadas chegou a afirmar que perdera doze filhos ao longo da vida e que hoje três apenas haviam sobrevivido. Uma outra mãe respondeu que havia tido dezesseis filhos e dois estavam vivos. Uma outra ainda afirmou ter perdido oito filhos; outra seis e várias outras ainda, informaram que perderam de três a cinco.

Quando questionadas acerca da causa dessas perdas significativas, todas as mães foram pragmáticas na resposta: por doenças. Ou seja, na maior parte dos casos, senão em todos, o motivo da morte na primeira infância ou infância em geral fora a falta de atenção básica à saúde. Seja ela ainda na fase gestacional, ocasionando a má formação do feto, ou, posteriormente, já quando bebê ou criança a aquisição de alguma doença por falta de cuidados de saúde.

Mas uma das cenas a ser problematizada no documentário, e no meu ponto de vista triste, fora quando uma das entrevistadas atribuíra a morte de seus filhos à falta de alimentos, pois reconheceu que na sua casa faltava comida. No entanto, não se culpava ou culpava o governo, reconhecia que tal fato se devia à vontade de Deus. A mesma entrevistada informou ainda que tinha dois filhos para que pudessem trabalhar e ajudar no sustento da família. Ou seja, muitas crianças ainda hoje morrem pela fome no país.

No mesmo documentário foram comparadas rotinas diárias, de crianças pobres do interior da Bahia e de crianças da classe média de São Paulo (SCIMIEDT, 2000). As crianças pobres trabalhavam quebrando pedras e cortando sisal para ajudar suas famílias. No horário que não estavam trabalhando, estavam na escola, e todas reclamavam que sobrava pouco tempo para brincar. Algumas crianças da classe

média que participaram do documentário, também reclamaram sobre o pouco tempo para brincar, já que seu tempo diário era preenchido com atividades impostas pelos pais: balé, inglês, patinação, natação, ginástica olímpica e sapateado, além da escola normal. Os dois grupos relataram achar-se adultos, já que carregavam uma carga grande de responsabilidades e lhes eram possibilitados poucos momentos para ser criança.

Ao final do documentário foi possível conhecer duas distintas realidades dentro do mesmo país. De um lado crianças que precisam trabalhar para ajudar no sustento das famílias, que passam fome, vivem em condições precárias de saúde, aprendem desde muito cedo a lidar com a morte e a assumir responsabilidades. De outro, crianças que têm tantas atividades quanto um adulto, pois além do horário da escola, possuem tantas atividades extraclasse que acabam não tendo tempo para brincar e, igualmente, não tendo autonomia nas suas escolhas e preferências.

Apesar das duas realidades de infância apresentadas, a que nos causa mais desconforto é a do primeiro exemplo. Temos o costume de idealizar uma infância, tendo como parâmetro a que tivemos. Sarmiento (2007), afirma que as possibilidades das crianças viverem as infâncias estão diretamente ligadas ao gênero, espaço geográfico, classe social, etnia, nacionalidade, religião, nível de instrução da população, cultura familiar e escolar dentre outras. Diante das duas realidades que foram vistas, a dúvida que fica é que infância essas crianças estão vivenciando? Qual o sentido dessa infância para elas?

Segundo Sarmiento (2003), os esforços normalizadores e homogeneizadores têm efetivas consequências na criação de uma infância global, mas não anulam desigualdades inerentes à condição social, gênero, etnia e ao local de nascimento, ele afirma que há várias infâncias dentro da infância global. Para poder exemplificar, Tomas (2006), cita crianças indianas que ficam presas às tradições como os casamentos na idade da inocência. Também fala sobre crianças de Caxemira ou do Paquistão que cosam as bolas com que se jogam os campeonatos oficiais de futebol.

Segundo a Organização Mundial de Saúde a infância inicia no nascimento. Portanto, ao nascer, as crianças já estão vivendo sua infância, e nesse momento, são cuidadas pelos pais ou responsáveis mais próximos na falta destes. Os pais já são responsáveis pelos filhos no momento da descoberta da gravidez, então ficando antes

mesmo do nascimento a obrigação de cuidados adequados para com a gestação. Por exemplo: alimentação adequada da mãe; acompanhamento médico; não consumo de bebidas alcoólicas e drogas. Uma vez que a falta de um desses cuidados pode interferir na formação do feto e, por consequência, interferir na infância da criança.

Segundo Barbosa (2007), as crianças têm um modo ativo de ser e habitar o mundo, elas atuam na criação de relações sociais, nos processos de aprendizagem e de produção de conhecimento desde muito pequenas. Sua inserção no mundo acontece pela observação cotidiana das atividades dos adultos, uma observação e participação heterodoxa que possibilita que elas produzam suas próprias sínteses e expressões.

Segundo Barbosa (2007), a socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância e em virtude da qual se torna membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente, que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo da sociedade.

A socialização primária acontece através dos pais e familiares, a partir deles, crianças têm seus primeiros contatos e aprendizagem sobre a sociedade na qual estão inseridas. Aprendem a falar, caminhar, respeitar, comer, brincar e comportar-se diante da sociedade. Segundo Barbosa (2007), o capital cultural de uma família não é apenas transmitido pelos pais, mas por várias pessoas que convivem próximas às crianças, especialmente os irmãos mais velhos, que propiciam oportunidades para a construção de competências, de interesse e de valorização das práticas escolares.

Nas gerações anteriores, a socialização primária era mais prolongada, normalmente as mães não trabalhavam e a quantidade de filhos era maior. Quase sempre o filho mais velho ficava responsável por ajudar a mãe na criação dos demais irmãos. A socialização secundária ficava para o momento no qual a criança ingressava na escola, isso se ingressasse, já que não haviam leis que obrigavam. Nos dias atuais com o ingresso em massa das mulheres no mercado de trabalho e não podendo ficar em casa sozinhas, os filhos estão cada vez mais cedo ficando com babás ou indo para creches, ficando a cargo desses a maior parte da socialização primária.

O resultado que esta mudança acarretará em um futuro não muito distante ainda não podemos precisar, pois essa mudança de criação das crianças ainda é muito recente. Poderemos, talvez, perceber seus reflexos, na próxima geração. Mas

obviamente que a falta de laços mais prolongados da relação mãe/pai criança pode deixar lapsos. Só não sabemos ainda até que ponto isso pode comprometer o desenvolvimento das crianças no futuro. Tanto no âmbito social, quanto emocional. Sem falar no âmbito educacional, visto que muitas vezes as famílias têm uma elevada formação cultural e linguística, mas transferem a responsabilidade por transmitir os primeiros vocábulos às crianças, para outras instituições (como creches) e pessoas (cuidadores/as).

Além do que já foi visto, outro momento de fundamental importância na fase infantil é o brincar. Através das brincadeiras a criança interage com objetos e outras pessoas, podendo ser crianças ou adultos, algumas vezes imaginários. Mas qual a importância e os sentidos do brincar para a criança.

2.2 Brincadeiras, quais os sentidos para a criança.

Ao falar da infância, é impossível não citar uma parte marcante dessa fase para grande parte das crianças: as brincadeiras, os jogos, os momentos de diversão. Para Queiroz (2006), em grande parte das sociedades contemporâneas, a infância é marcada pelo brincar, que faz parte de práticas culturais típicas. O autor afirma que a brincadeira é consagrada como atividade essencial ao desenvolvimento infantil para a maioria dos grupos sociais. Há brincadeiras solitárias, onde a criança se utiliza de brinquedos e personagens imaginários, mas também, há momentos onde a criança interage com seus pares e adultos nas suas brincadeiras e jogos.

As crianças, desde o momento que nascem, são estimuladas através de brinquedos e brincadeiras para o seu desenvolvimento. Através das brincadeiras, os pais tentam passar algum conhecimento ou conseguir algo que queiram, como por exemplo: para que a criança coma, os pais usam a brincadeira do aviãozinho como tática para que abram a boca. As brincadeiras são algo que vão acompanhar as crianças durante toda a infância e adentrar a fase adulta, mesmo gostando de dizer que brincar é coisa de criança. Segundo Sarmiento (2003), a ludicidade é um traço fundamental das culturas infantis. Entre brincar e fazer a coisa séria não há distinção,

sendo brincar muito do que as crianças fazem de mais sério. Mas quais os sentidos das brincadeiras e dos jogos para a criança?

Queiroz (2006), afirma que através da brincadeira, a criança cria sua experiência de se relacionar ativamente com o mundo, vivenciando experiências de tomadas de decisões. Para o autor uma característica importante da brincadeira é que a criança pode optar por participar ou não, oportunizando o desenvolvimento da autonomia, criatividade e responsabilidade quanto a suas próprias ações.

A brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados. Em situações dela bem pequena, bastante estimulada, é possível observar que rompe com a relação de subordinação ao objeto, atribuindo-lhe um novo significado, o que expressa seu caráter ativo, no curso de seu próprio desenvolvimento (QUEIROZ, 2006, p.172).

Gomes (2008), afirma que nas brincadeiras de faz-de-conta ou nos jogos, por exemplo, elas produzem uma realidade diferente, mas ao mesmo tempo semelhante à vida cotidiana. É uma atuação que permite o conflito, a interação e as linguagens.

A criança quando se relaciona com objetos, tende inicialmente a dar sentidos convencionais, característicos da cultura em que está inserida, ficando a criança subordinada ao objeto. Com o passar do tempo, de modo gradativo, a relação entre objeto e seus significados vão se alterando, tendo a brincadeira um lugar de destaque nessa mudança (QUEIROZ, 2006). Um prendedor de roupas pode virar um jacaré, uma caixa de sapatos se transformar em um carro, uma garrafa pet em um foguete e assim vários outros objetos podem trocar de sentido.

Segundo Cerisara (2002), essas trocas de significados dos objetos da sua cultura podem ser explicadas pela presença de um impulso criativo que possibilita criar combinações, mas, para isso, os novos significados têm que ser retirados da realidade. Para o autor, isso acontece porque a cultura é influenciada pelos sujeitos com quem a criança se relaciona e marcam as atividades lúdicas e as atividades criativas. As crianças só puderam inventar novas brincadeiras porque, em suas experiências anteriores, já conheciam os elementos envolvidos.

Neste contexto pode-se compreender porque o jogo, dentro da perspectiva sócio-histórica, deve ser considerado uma atividade social humana baseada em um contexto sócio cultural a partir do qual a criança recria a realidade utilizando sistemas simbólicos próprios. Ela é, portanto, além de uma atividade psicológica, uma atividade cultural (CERISARA, 2002, p. 6).

Para Vigotsky (1991), o brinquedo envolvendo uma situação imaginária, é baseado em regras de comportamento. O autor vai além ao afirmar que não existem brinquedos sem regras, mesmo não sendo regras formais estabelecidas a priori. O autor cita o exemplo da criança imaginando ser a mãe e a boneca como a criança, neste caso as regras utilizadas são do comportamento maternal (VYGOTSKY, 1991, p. 63).

Segundo Cerisara, a criança quando assume um papel imaginário está inicialmente imitando o comportamento de um adulto tal como ela observa em seu contexto. Para o autor, a imitação é fundamental no desenvolvimento da criança em geral, indicando que primeiro ela faz aquilo que viu o outro fazer, mesmo não tendo clareza do significado da ação e, aos poucos, vai deixando de imitar para depois, de forma consciente, começar a criar novas possibilidades e combinações. Dessa forma contribuindo em nível individual o que observou nos outros (CERISARA, 2002, p. 6).

Através das brincadeiras e jogos, as crianças socializam com outras, assim, trocando conhecimentos e experiências. Segundo Gomes (2008), elas não ficam à espera somente do que os adultos lhes destinam. De modos diversos, participam ativamente, pois vivem em grupos, apreendem os elementos da vida sociocultural e exercitam um hábito de aprendizagens indispensáveis para a sua vida diária.

Gomes fala também que a partir das experiências que tiveram, nas brincadeiras e nos jogos, as crianças dominam, paralisam e destroem, por um instante, a rotina da vida cotidiana. Nessa atuação há uma experiência imediata e disponível, isto é, o prazer. Entretanto, o riso, o lúdico, o prazer e o divertimento são cabíveis somente dentro de certos tempos e espaços, pois a vida adulta está pautada em princípios racionais e o prazer é uma recompensa a ser buscada em um momento futuro.

Através dos autores acima elencados e citados, para grande parte da sociedade contemporânea, a infância é marcada pelo brincar, sendo a brincadeira algo essencial para o desenvolvimento da infância, brincar é o que as crianças fazem de mais sério. Através da brincadeira a criança cria sua experiência de se relacionar ativamente com o mundo, podendo transformar e reproduzir novos significados, também tendo contato com regras que vão contribuir para sua inserção na sociedade. As brincadeiras e jogos, contribuem na socialização com outras crianças, aumentando

suas experiências e conhecimento. Em suma, brincar é fundamental para o pleno desenvolvimento infantil.

Conforme vimos acima através de diversos autores, a infância é um momento único, vivenciado conforme a realidade de cada criança. É o momento em que elas experimentam diversos saberes que irão contribuir para a sua formação cultural e social. Também vimos que o brincar é a atividade essencial nessa fase da vida, que através das brincadeiras as crianças constroem suas memórias, suas experiências como seres ativos na mudança cultural. Considerando essas breves explicações sobre a infância e sobre o brincar, tal qual a partir das minhas experiências de estágio, já anteriormente citadas, comecei a me questionar sobre o tempo e os espaços que as crianças possuem para brincar nos seus cotidianos. Nesse sentido, delimito enquanto objetivo desse estudo compreender como as crianças vivenciam as aulas de Multiesportes e, principalmente, como fazem uso dos “espaços ociosos” entre as atividades do plano de aula proposto pela professora da disciplina.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho segui os princípios da pesquisa qualitativa. Através da pesquisa qualitativa é possível elaborar dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisado com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, o pesquisador procura entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e depois procura dar sua interpretação dos fenômenos estudados (NEVES, 1996).

Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (MAANEN, 1979, apud NEVES, 1996, p.1).

Para Paulilo (1999), a pesquisa qualitativa é utilizada para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna, investigando valores, crenças, hábitos, atitudes, representações e opiniões, adequando-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos.

As pesquisas qualitativas têm ganhado muito destaque, ocupando um reconhecido lugar entre as possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais. Dependendo do interesse e objeto do pesquisador, a pesquisa qualitativa oferece várias técnicas e enfoques que podem ser aplicados, mas que de uma forma geral têm como ponto principal entender, descrever e, algumas vezes, explicar, os fenômenos sociais e culturais de grupos sociais e/ ou indivíduos (GODOY, 1995).

Dentre as pesquisas qualitativas este trabalho se aproxima de alguns princípios da etnografia, a qual é uma metodologia das ciências sociais, mais ligada à Antropologia. O principal foco é o estudo da cultura e os comportamentos, ações, valores, crenças de grupos sociais. No site do instituto brasileiro de análise de dados, consta que etnografia significa a descrição cultural de um povo, que a palavra vem do grego (ethnos, que significa nação e/ou povo e graphein, que significa escrita) (www.ibpad.com.br, acessado em 14 jul. 2020). Apesar de não caracterizar esta pesquisa enquanto etnográfica, apresento a seguir algumas características desse tipo de investigação que me auxiliaram metodologicamente.

A etnografia surge no final do século XIX e início do século XX, com o propósito de auxiliar os pesquisadores da época, que chegaram à conclusão de que para entender melhor as comunidades e os grupos sociais, deveriam ter contato real em campo, que só assim poderiam descrever melhor a cultura de um povo (ANGROSINO,2009).

Segundo o site do Instituto Brasileiro de Análise de Dados, o método etnográfico, segue alguns princípios que o diferem de outros modos de fazer pesquisa qualitativa: pesquisa de campo (conduzido no local em que as pessoas convivem e socializam); multifatorial (conduzido pelo uso de duas ou mais técnicas de coleta de dados); indutivo (acumulo descritivo de detalhe); holístico (retrato mais completo possível do grupo em estudo) (www.ibpad.com.br, acessado em 14 jul. 2020).

O trabalho de campo é o coração da pesquisa etnográfica, que para obter êxito, o pesquisador tem que ter um contato intenso, direto e prolongado com o grupo ou cultura pesquisada, utilizando técnicas de observação, ficando mais fácil descobrir como o sistema de significados culturais está organizado em uma comunidade (GODOY, 1995; NEVES, 1996). Para Winkin (1953), a etnografia é uma arte e uma disciplina científica, que consiste em saber ver, ser (estar com outros e consigo mesmo) e escrever (saiba retraduzir).

Para a observação enquanto procedimento de pesquisa qualitativa, o observador tem que estar presente no local, de maneira prolongada afim de presenciar situações e comportamentos pelos quais se interessa. (POUPART, 2008).

Segundo Freitas (2015), existem duas maneiras de observação bem distintas, observações participantes e observações sistemáticas. A primeira onde o pesquisador participa ativamente nas tramas cotidianas do grupo pesquisado, já a segunda, de forma mais periférica, o observador não participa das ações do grupo, ficando apenas na observação. Através de ambas as maneiras de observação é possível desenvolver descrições densas das relações sociais estabelecidas no contexto da pesquisa (FREITAS, 2015).

Silva (2010), ao descrever sua participação em campo, fala sobre as desconfianças dos escolares observados, comenta que, no início das visitas, as crianças criavam diferentes significados a sua presença. Uma das representações era de um espião que anotava os bagunceiros. O autor conta que essa imagem foi sendo

desconstruída depois de inúmeros contatos, aproximando o observador dos pesquisados (SILVA, 2010, apud FREITAS, 2015, p. 34). Foote-Whyte (1943), fala sobre as desconfianças dos pesquisados nas primeiras visitas e sobre a importância de um número grande de retornos e de alguém de confiança do grupo que acompanhe o pesquisador nas primeiras abordagens, dessa forma facilitando o ganho de confiança do grupo pesquisado. Para Winkin (1953), a escolha do campo de observação é muito importante. Ele afirma que se deve escolher lugares em que o pesquisador tenha liberdade de ir e vir quantas vezes for preciso, dando preferência para lugares confortáveis para que o observador fique à vontade, bem como evite lugares perigosos.

Segundo Winkin (1953), o diário de campo é o instrumento essencial de pesquisa, ficando o direito de lê-lo e relê-lo somente à cargo do pesquisador. Para o autor, o diário serve para anotar tudo que chamar a atenção durante as sessões de observação, comenta sobre as dificuldades das primeiras anotações.

Num primeiro momento, vocês anotarão muito, de maneira descabelada - e isso é muito bom. Mas num segundo momento, um tanto exaustos pelo esforço realizado, vão recorrer a um procedimento mais analítico, que exige menos esforço e finalmente mais eficaz em sua colheita de dados pertinentes. Num terceiro momento, com a pena mais ágil, vocês chegarão a escrever muitíssimo rapidamente, para surpresa de vocês mesmos (WINKIN, 1953, p. 139).

Tendo como base os autores citados para corroborar com o atual trabalho, começo a descrever o ambiente e a metodologia escolhida para a pesquisa em questão. Levando em consideração o que foi colocado por Foote-Whyte (1943), tentarei ser detalhista para facilitar ao leitor a visualização do trabalho de forma mais precisa, dessa maneira melhorando o entendimento aos fatos. Para manter a ética de privacidade dos envolvidos, não utilizarei nomes durante o desenvolvimento do trabalho.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foi escolhida uma turma da disciplina extracurricular que desenvolvia suas atividades logo após o horário escolar. O nome da disciplina é “Multiesportes” e o diferencial dessa disciplina em relação às outras disciplinas extracurriculares oferecidas pela escola é que nessa se trabalha com mais de um esporte, tais como: handebol, voleibol, futebol, basquetebol e atletismo.

O espaço físico destinado à disciplina fica dentro de uma escola, mas a atividade é terceirizada. A escola é particular, com ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio, localizada na zona sul de Porto Alegre, e oferece aos seus alunos variados espaços abertos e fechados, mais uma ampla variedade de materiais para a prática dos esportes e para atividades de lazer.

A professora responsável pelas duas turmas de Multiesportes existentes no turno da tarde na escola tem sua formação em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com experiência de vinte anos na profissão. As atividades das duas turmas começavam às 18:00 horas, logo após o término das aulas da grade curricular obrigatória da escola que encerravam suas atividades neste mesmo horário. As aulas eram ministradas uma vez por semana, ficando uma turma às terças-feiras e outra às quintas-feiras, com duração de cinquenta minutos cada, o número de aulas era regido pelo calendário do ano letivo da escola, respeitando as férias de inverno e verão. Por tratar-se de uma atividade extracurricular, portanto paga de maneira extra, os alunos não tinham a obrigação de permanecerem matriculados o ano inteiro, a turma escolhida permaneceu do início ao fim das observações, com os mesmos alunos, o que considero que contribuiu para o desenvolvimento das análises para esse trabalho.

A turma escolhida para as observações, foi a da terça-feira, com duas meninas e quatro meninos matriculados e participação ativa nas aulas. A idade dos alunos era entre seis e oito anos, sendo que apenas dois eram colegas da mesma turma de primeiro ano do ensino fundamental, os outros de turmas diferentes do primeiro ano e apenas um aluno com oito anos que estava na segunda série.

As salas de aula da primeira e segunda séries do ensino fundamental, estão localizadas em um pavilhão de dois andares nos fundos do terreno da escola. As portas das salas de aula das primeiras séries, ficam no térreo, três salas de cada lado de frente umas para as outras, separadas por um corredor coberto de sete metros de largura aproximadamente. No andar de cima ficam as turmas de segunda série, com a mesma disposição das salas do térreo, mas com a diferença de ter corredores de um metro aproximadamente, protegidos por grades, podendo assistir à movimentação do corredor térreo, o acesso para o andar inferior é através de uma escadaria no início dos corredores. Os banheiros adaptados para crianças e um bebedouro, ficam no térreo ao lado da escadaria.

Tentei ser detalhista na descrição das salas de aula e dos seus arredores, para finalmente poder descrever o local utilizado para a disciplina Multiesportes, de forma que o leitor possa entender sua localização no pavilhão. Logo que o espaço destinado para a disciplina fica no final do corredor térreo, contrapondo-se à escadaria que dá acesso ao segundo piso e também, saída do prédio. Esse espaço é uma mini quadra de futebol coberta, com aproximadamente dez metros de comprimento por seis de largura, o seu piso é revestido por um carpete verde com as marcações do futsal em cor branca, contendo duas goleiras de tamanho adaptado para crianças, colocados uma de cada lado da quadra. A quadra possui uma rede protetora, que vai do chão ao teto, aproximadamente cinco metros, dessa forma evitando que a bola saia do espaço delimitado. Existem duas maneiras para poder assistir as atividades na quadra, ou pelo lado ficando no corredor das salas de aula, ou em um espaço de aproximadamente cinco metros que fica atrás de uma das goleiras, ambas as posições contêm bancos para sentar.

As observações sistemáticas feitas por mim foram realizadas em dez terças-feiras, começando no dia 24/09/2019 e terminando no dia 03/12/2019, com duração de uma hora em média cada observação. Durante as observações utilizei um caderno de notas. Nesse caderno foram feitas anotações pertinentes ao objetivo do trabalho. Anotações essas que foram lidas, relidas e reescritas, com novas lembranças, sempre logo após cada observação, construindo os diários de campo da pesquisa.

As observações não ficaram somente no local das atividades, algumas foram feitas durante a semana em outros locais da escola, onde aconteciam, esporadicamente, encontros destes mesmos seis colegas, por exemplo: pátio externo; corredores; refeitório; pórtico de entrada do colégio. Também foram realizadas algumas conversas informais com alguns pais, alguns alunos e com a professora responsável pela disciplina.

A escolha do colégio e da disciplina para observação, se deve a facilidade e o acesso livre que tenho, por ter um filho estudando na escola e na disciplina em questão. Esta condição me possibilitou olhar as crianças envolvidas no projeto Multiesportes dentro das dependências da escola. De março a setembro, apesar de não ter iniciado a pesquisa e por isso não ter registrado estas pequenas ocorrências do cotidiano no diário de campo, ainda assim, por transitar na escola e buscar meu

filho na atividade observada, fora possível observar a turma e inserir alguns aspectos neste trabalho.

4 OBSERVANDO A DISCIPLINA MULTIESPORTES

Como foi mencionado na metodologia, a disciplina Multiesportes não faz parte do currículo da escola, sendo ofertada em horário após a aula. A responsabilidade pelos professores e materiais utilizados em aula são de uma empresa terceirizada, que utiliza os espaços destinados pela escola para suas atividades. A mesma empresa também é responsável por outras atividades na escola, tais como futsal, voleibol, ginástica olímpica e judô. A escolha de quais atividades podem ser feitas pelas crianças, ficam a critério dos pais e alunos, que optam por uma ou mais disciplinas de acordo com suas preferências, sendo que para a realização de cada uma das atividades é cobrada uma mensalidade.

A disciplina de Multiesportes se diferencia das outras atividades extracurriculares ofertadas na escola por trabalhar com mais de um esporte durante o ano, tais como: handebol, voleibol, futsal, basquetebol e atletismo. Segundo a professora responsável pela disciplina, o objetivo da atividade é proporcionar aos alunos o conhecimento acerca dos diferentes esportes ofertados, experimentar e aprender alguns dos fundamentos básicos desses esportes mencionados, com isso, contribuindo para o aumento do repertório motor. Segundo ela, normalmente os alunos que procuram essa atividade são os das séries iniciais e que, muitas vezes, nunca tiveram contato com esses esportes. Para a professora, é importante que as crianças experimentem vários esportes e que é, justamente, essa experimentação que auxiliará na identificação de qual atividade a criança poderá vir a praticar futuramente. Esse entendimento da professora se aproxima das proposições realizadas por alguns estudiosos, com por exemplo, Moreira (2003) e Tsukamoto e Nuramura (2005), os quais recomendam para a iniciação esportiva, movimentos variados em atividades também diversificadas, apontando para a importância dessas diversificações a fim de que haja o desenvolvimento de todas as habilidades motoras, dessa forma ampliando o acervo motor e também propiciando a aquisição de condições de optar pela modalidade que se deseja praticar (MOREIRA, 2003; TSUKAMOTO; FREITAS, 2005).

O meu contato com essa atividade na escola, foi através do meu filho, que no início do ano matriculou-se nessa disciplina. Como é de minha responsabilidade levar e buscar ele na escola, sempre que eu chegava nas terças feiras para pegá-lo, assistia

boa parte das aulas de Multiesportes. Essas observações chamaram-me a atenção para a riqueza de movimentos que as crianças faziam em aula, levando-me a sugerir para minha orientadora, a disciplina como alvo da minha pesquisa, já que ao longo da minha formação acadêmica, eu sempre ouvira dos professores sobre a importância da diversificação na iniciação esportiva.

As aulas de Multiesportes começaram em fevereiro e minhas observações sistemáticas só em setembro, por isso foi possível ver logo no meu primeiro dia de observação que as crianças já estavam bem familiarizadas com as aulas e com os colegas. Minha intenção inicial seria observar o desenvolvimento da disciplina, mas o que realmente chamou minha atenção foram as crianças em aula e a forma como elas comportavam-se. A partir desse momento, em diálogo com minha orientadora, o foco da pesquisa passou a ser as crianças, a interação entre elas, o seu comportamento em aula, as ações realizadas no “espaço de tempo ocioso” pelas crianças e não mais os conteúdos ofertados nas aulas de Multiesportes propriamente ditos.

4.1 Como as crianças vivenciam as aulas do projeto extraclasse Multiesportes

Ao observar as crianças em aula, foi possível verificar a participação de todas nas aulas do projeto extraclasse Multiesportes, momentos esses em que elas podiam vivenciar atividades criadas por elas de forma livre e autônoma, isto é, sem a participação da professora. Era o momento em que as crianças podiam interagir entre elas aproveitando o espaço em que a disciplina Multiesportes era realizada.

Para falar a respeito das vivências das crianças em aula, separei três tópicos que ao meu entender representam bem as observações realizadas. O aproveitamento de brechas durante as aulas para criar suas brincadeiras, a criação de vínculos entre elas e o conhecimento do próprio corpo, tudo isso com o consentimento da professora, que me relatou em uma conversa após uma das aulas, que não deixava de alcançar seus objetivos previamente estabelecidos para suas aulas de Multiesportes.

4.1.1 Brechas durante as aulas

Durante as dez aulas em que fiz observações sistematizadas e até mesmo antes, quando chegava mais cedo para buscar meu filho, que frequentava a mesma aula observada, me chamava muito a atenção, os momentos em que as crianças interagiam entre elas. Eu notei que alguns momentos das aulas eram importantes para essa interação e que ocorreram em todas as aulas observadas de forma intensa, evidenciando a tentativa de aproveitar ao máximo sem atrapalhar o andamento que a professora dava para as atividades da aula. Irei descrever alguns fatos que vão reforçar essas apropriações das brechas durante as aulas feitas pelas crianças.

Um dos momentos rotineiros dessa apropriação, era o início de cada aula, mais precisamente, dez minutos antes da professora chamar para a rodinha inicial. Rodinha inicial, era o momento em que a professora reunia os alunos sentados no chão, para conversar sobre a aula que teriam. Como já foi relatado, as aulas da escola terminavam às 18h e o começo das disciplinas extracurriculares davam-se às 18h10min, esses dez minutos eram o período de deslocamento das crianças até os seus respectivos locais de aula. Diferente das outras disciplinas que a empresa ofertava na escola, o Multiesportes era a única atividade em que o professor não buscava os alunos nas salas de aula. Isso porque como já fora descrito no capítulo metodologia, que a miniquadra de futsal, onde foram realizadas as aulas de Multiesportes, ficava no final do largo corredor das salas de aula, enquanto os locais das outras atividades ficavam fora desse prédio, precisando de um adulto para acompanhar as crianças.

O local que escolhi para observar as aulas, ficava atrás de uma das goleiras, com uma visão panorâmica da miniquadra, do largo corredor e das portas das salas de aula, que me possibilitava ver na integridade o local em que aconteciam as atividades. Como eu chegava sempre um pouco antes das 18 horas, podia sentar no local de observação, pegar meu caderno de anotações e aguardar o início da aula. Só que minhas anotações começavam antes do início da aula de Multiesportes, começavam quando o alarme da escola avisava que eram 18 horas, hora dos alunos irem embora ou ficar para quem estava matriculado nas aulas extracurriculares. Na frente das salas de aula, aguardavam os pais das crianças que iriam embora e também professores arrecadando alunos para suas respectivas aulas. O professor de

futsal com uma fila de vinte crianças, com apenas duas meninas. Batendo de porta em porta, a professora de ginástica artística com sua fila de doze meninas e um menino, o professor de judô com seis meninos e a professora de voleibol com cinco meninos e seis meninas.

Essas informações servem apenas para enriquecer a narrativa, pois o que importava para o atual trabalho, eram as crianças que a professora não buscava, as matriculadas no Multiesportes, quatro meninos e duas meninas. Essas quando soava o alarme, surgiam como “relâmpagos” das suas respectivas portas, costurando o grupo de pessoas que se alojavam na frente de suas salas, arrastando suas pesadas mochilas, muitas vezes correndo para chegar o mais rápido possível ao final do corredor, local onde encontrava-se a mini quadra, já com a professora de Multiesportes aguardando. Antes de entrarem na quadra, jogavam suas mochilas em um canto próximo à parede, muitos retiravam os casacos que estavam usando e atiravam no mesmo canto, e agora sim, podendo entrar na quadra, cumprimentar a professora, ser o primeiro a chegar ou juntar-se aos colegas já presentes.

No segundo dia de observação, a correria dos alunos para chegar na mini quadra repetiu-se, me aproximei da rede protetora que impede a bola de sair da quadra e perguntei para os quatro meninos que formavam uma rodinha de conversa próximos da onde eu me encontrava, o porquê da correria para chegar na aula, um deles era meu filho, que acostumado com a minha presença na escola respondeu da seguinte forma: “Para dar tempo de brincar mais, claro!” Outro falou: “Diz para o teu pai que a gente gosta muito de brincar!” Rindo muito esse que falou afastou-se correndo e gritando a seguinte frase: “vocês não me pegam!” Sendo seguido pelos demais que correram em sua direção. Essas observações foram registradas no diário de campo do dia 01/10/2019. A professora deixava dez minutos para que todos pudessem chegar, mas no máximo em cinco minutos, já estavam todos presentes, sobrando assim cinco minutos, segundo eles, para brincar. Normalmente os primeiros a chegar eram os dois colegas da mesma sala, sala essa que ficava mais próxima da mini quadra, assim que chegavam cumprimentavam a professora rapidamente dizendo “oi”, olhavam em volta, acredito que procurando mais alguém e, logo em seguida, começavam a correr um atrás do outro, uma das meninas estudava na segunda sala mais próxima da quadra e quase sempre era a terceira a chegar, muitas vezes dependendo da brincadeira dos meninos, juntava-se a eles, se não aguardava

em um canto da quadra sua colega chegar. Quando chegava a segunda menina, juntava-se a que já estava, juntas, comemoravam muito o reencontro, quase sempre aos pulos, gritos e abraços, depois disso normalmente de mãos dadas e saltitando faziam o reconhecimento da quadra, mostrando a preferência delas em estarem junta juntas. A sala do menino mais velho, o único que estava na segunda série, ficava no andar de cima, por isso quase sempre era o último a chegar, várias vezes presenciei ele debruçado nas grades que protegem o corredor de cima, olhando para ver se os colegas já estavam na mini quadra, vendo que sim, descia a escadaria para chegar no corredor que dá acesso à quadra, sempre correndo muito para chegar o quanto antes.

Uma das aulas que assisti e registrei no diário de campo (15/10/2019), presenciei a mãe que acompanhava uma das meninas, antes da menina entrar em quadra. A mãe pediu para que ela tomasse um achocolatado que havia trazido de casa, a menina contrariada, tomou rapidamente, a mãe assustada falou: “Calma gurria, a aula ainda não começou!” A menina entregou para a mãe a caixa vazia e entrou correndo para a quadra, abraçando-se com a colega que já estava e começaram a correr de mãos dadas.

Depois de alguns dias de observação notei que cinco minutos seriam suficientes para aguardar a chegada dos alunos, já que nesse tempo já estavam todos em quadra. Me perguntei por que então dez minutos? Fiz este questionamento para a professora no final de uma das aulas e achei a resposta bem interessante. Segundo ela, já havia tentado com outras turmas, mas não obtivera o resultado esperado, e completou com a seguinte frase: “Eles só vêm cedo porque sobra tempo para brincar!”. Essa conversa foi realizada informalmente ao final da sexta aula e registrada no diário de campo (29/10/2019). Freitas (2015), ao observar durante nove meses os treinos e competições de uma pré-equipe de ginástica olímpica de alto rendimento, formada por meninas com idade entre oito e doze anos de idade em um clube esportivo de Porto Alegre/RS, presenciou diversos momentos de brincadeiras. Segundo a autora, as ginastas aproveitavam minutos antes do início dos treinos, para se apropriarem dos espaços e desenvolverem diferentes maneiras de movimentação. A pesquisadora ainda descreve que as meninas entravam correndo no ginásio, retiravam seus casacos e tênis e partiam para as brincadeiras, (cama elástica, trave de equilíbrio,

colchões). Quando notavam a aproximação das treinadoras, aceleravam suas brincadeiras na tentativa de aproveitar mais o tempo livre.

Além desse momento inicial da aula, que para mim ficou claro a apropriação das crianças, haviam outros momentos das aulas que da mesma forma, as crianças aproveitavam para interagir entre elas. Um deles eram nas formações de filas para aguardar a vez na atividade, e que não eram poucas, já que muitas das atividades que a professora propunha, eram de execução individual, dessa forma, toda vez que um aluno estava executando, cinco aguardavam na fila, e este era o momento onde elas aproveitavam.

Em uma atividade de futebol, em que pude acompanhar e registrar no diário de campo (01/10/209), onde os alunos tinham que conduzir a bola com os pés e chutar em gol, a professora organizou a turma em fila única ao lado de uma das goleiras, ficando ela na outra goleira para defender. Um aluno de cada vez fazia a atividade, após conduzir e chutar em gol, voltavam para o final da fila, podendo assim sair o próximo para a atividade. Dessa forma ficavam sempre cinco aguardando na fila, fila essa que estava localizada na goleira que eu estava mais próximo, facilitando a minha observação. Foi possível observar que nesse tempo de espera as crianças criavam o que fazer. Uma das meninas sempre que voltava para o final da fila, batucava com as mãos nas costas do colega da frente que não se importava, olhava para trás sorrindo de forma a permitir que a brincadeira continuasse. Outro conversava com o colega, pelo que pude ouvir era alguma coisa sobre um jogo no celular que os dois tinham, depois perguntei para um deles que jogo era, ele me falou que era “Plantas Versos Zumbis”. As meninas dançavam muito, quase sempre de mãos dadas. Além desses fatos citados, ainda tiveram puxões de cabelos, empurrões, danças, conversas, abraços, risadas, deixando claro que todos participavam de alguma forma nas brincadeiras e que em nenhum momento da observação aconteceu desentendimento entre os alunos. A professora conduziu a atividade até o seu final de forma tranquila, às vezes, tinha que chamar o próximo da fila duas ou três vezes porque este estava prestando mais atenção no colega do que na atividade.

Em outro dia de observação, o esporte trabalhado era o voleibol, a atividade proposta pela professora era toque por cima e ataque na rede. Para isso a professora colocou uma rede de voleibol no meio da quadra, ficando ela na rede como levantadora e chamando um aluno de cada vez para trocar passes e lançar a bola

sobre a rede. Após efetuar a tarefa o aluno voltava para o final da fila juntando-se aos demais colegas, após isso iria outro colega para a tarefa, assim repetindo-se por algum tempo. Novamente a fila ficou próximo do local onde eu estava, e que da mesma forma que descrevi a atividade anterior, as crianças aproveitaram o momento na fila para brincar entre elas. Dessa vez algo curioso chamou minha atenção, toda vez que chegava a hora de uma das crianças realizar a atividade, ela se dirigia ao local a passos lentos, após completar a tarefa, voltava correndo para junto dos colegas. Isso repetiu-se várias vezes e com alunos diferentes, me fazendo acreditar que a intenção das crianças ao voltar correndo, seria para ganhar mais tempo junto aos colegas na fila, dessa forma aumentando o tempo de interação. Essas observações foram realizadas no dia 05/11/2019.

Durante minha formação acadêmica, muitas foram as aulas em diferentes disciplinas com diferentes professores, que explicavam a importância de não se deixar os alunos parados nas filas, ensinando-nos a criar diversas estações nas atividades propostas para as crianças, afim de evitar o tempo ocioso delas. Mas será mesmo que podemos denominar este período em que as crianças não estão, de fato, realizando a atividade proposta em aula e sim interagindo entre elas de tempo ocioso? Será que o momento da fila não é útil para as crianças? Será que a troca de conhecimento entre elas é menos importante do que a aula? Provavelmente os professores que citei acima, estavam mais preocupados com o aprendizado das crianças em relação aos conteúdos propostos em aula do que com a própria interação entre elas.

Para alguns autores, esses momentos de interação entre as crianças são de extrema importância na criação de relações sociais, na produção de conhecimentos e na contribuição da mudança cultural da sociedade segundo apontam Barbosa (2007) e Gomes (2008). Não é somente durante a realização da atividade em si que há ganho de aprendizagem e desenvolvimento de capacidades, mas também nesses “intermeios ociosos”.

Em uma conversa com a professora da disciplina no dia 05/11/2019, dentre várias que tive ao longo das observações, questionei se ela não se importava com as brincadeiras que as crianças faziam e com as conversas que as crianças tinham durante as filas de espera da atividade proposta. Ela respondeu que não, que para ela era importante esse momento para os alunos, já que muitos deles só tinham contato com outras crianças na própria escola. Também falou na motivação das

crianças, disse que o fortalecimento da amizade que as crianças faziam, auxiliava no retorno delas para as próximas aulas. Rindo concluiu que se achasse que estava demais, chamava a atenção deles, que às vezes tinha que falar um pouco mais alto para ganhar a atenção.

Haviam outros momentos da aula em que as crianças interagiam entre elas, tais como nas rodas de conversa sentados no chão, no momento de tomar água, onde todos iam juntos no bebedouro, nos momentos em que a professora organizava os materiais para troca de atividade. Basicamente esses eram os momentos onde as crianças tinham autonomia e liberdade para brincar entre elas, mas deixando claro que nos momentos das atividades elas cumpriam com os objetivos que a professora planejava, isso dito pela própria professora em uma conversa informal depois de uma das aulas.

4.1.2 Criando vínculos

Como já fora relatado, as crianças apropriavam-se de momentos das aulas para interagirem, momento onde demonstravam cuidados umas com as outras, afetividade, confiança, afinidade, cumplicidade, dessa forma contribuindo para a criação de vínculos, e tudo isso era possível observar através das brincadeiras que elas criavam e da forma com que elas comportavam-se. Como já foi citado nesse trabalho, Queiroz (2006), aponta para a importância do brincar para a criança, como forma essencial para o desenvolvimento infantil, contribuindo para que ela vivencie experiências de se relacionar ativamente com o mundo. Para Gomes (2008), o momento da brincadeira em grupo serve para criança aprender elementos da vida sociocultural não ficando à espera somente do que os adultos lhes destinam.

Como já foi mencionado, as crianças aproveitavam os dez minutos que antecediam o início das aulas para brincar, essa brincadeira era sempre dentro da quadra, e na medida em que os alunos chegavam as brincadeiras ganhavam novas formas. Em uma das observações, estavam na quadra dois meninos brincando de pegar, quando um deles passou pela professora que estava em um dos cantos da quadra com o material que iria utilizar em aula, e pediu uma bola para brincar, a

professora com o pé empurrou na direção dele uma mini bola de futsal, ele sem agradecer virou para o colega e gritou: “Vamos chutar gol a gol?” O outro respondeu pulando: “Sim, eu sou goleiro!” O mesmo que convidou, gritou: “Tu fica nessa goleira e eu na outra!” aos gritos e muitas risadas os dois chutavam a bola de um lado para o outro, já que a distância das goleiras para o tamanho deles era considerável, a bola dificilmente acertava o gol, mas isso não tirava a motivação deles, já que pulavam e gritavam o tempo todo. Acredito que a escolha pela brincadeira, tenha sido motivada por terem trabalhado o fundamento do chute em aulas anteriores.

A brincadeira não durou mais do que dois minutos, porque quando chegou mais dois colegas, um menino e uma das meninas, os que estavam jogando deixaram a bola e foram correndo na direção dos que chegaram, aos abraços todos pulavam juntos, demonstrando a alegria de estarem reencontrando-se em aula, até que um deles gritou: “Vamos jogar?” após terminar de gritar, foi correndo em direção da bola que estava no canto oposto de onde eles encontravam-se, seguido pelos outros dois colegas, começaram uma corrida atrás da bola, sem regras, apenas com o objetivo de chutar e perseguir a bola.

Mostrando mais uma vez a preferência dos meninos pela bola na brincadeira. Digo dos meninos, porque nesse momento notei que a menina não participou da brincadeira, ficou ao lado da quadra agarrada a rede lateral, dançando e observando a correria dos meninos. Pelo que pude notar, não parecia estar gostando muito da brincadeira dos meninos, mas logo abriu um largo sorriso ao ver sua colega chegando, deu um grito de felicidade e correu na direção da amiga que largou sua mochila no chão e entrou na quadra pulando, abraçaram-se e sem falar nada começaram a correr pela quadra de mãos dadas, sendo que quase foram atropeladas pelos meninos que intensamente perseguiram a bola.

Quando o último menino chegou, largou correndo a sua mochila e sem falar nada entrou na quadra correndo atrás da bola junto com os outros, não sei porque, mas logo em seguida deixaram a bola de lado e começaram a correr uns dos outros gritando: “Vocês não me pegam!” Nesse momento as meninas começaram a correr junto com os meninos, mas sempre de mãos dadas, pouco tempo depois de participarem com os meninos, elas foram para um canto da quadra, ficando uma de frente para a outra começaram uma brincadeira com as mãos. Os meninos continuaram na sua brincadeira de pega-pega, não sei como eles se entendiam, mas

estava evidente para mim que todos estavam se divertindo muito. Quando fechou os dez minutos, a professora chamou todos para a roda inicial de conversa, prática que ela sempre adotava no início e final das aulas. Esses fatos relatados ocorreram no terceiro dia de observação e foram registrados no diário de campo do dia 08/10/2019.

No trabalho realizado por Wenez (2005), durante dois anos, foram realizadas observações e entrevistas com alunos da segunda e terceira série de uma escola pública da zona sul de Porto Alegre. Durante esse período foram observados os comportamentos dessas crianças no horário do recreio. Após ser detectado pela autora que havia distinção de gêneros nas brincadeiras e formações de grupinhos, foram feitas algumas perguntas individuais para as crianças, de forma a tentar entender os motivos. Segundo algumas crianças ao responderem as perguntas, os meninos são mais inquietos enquanto as meninas são mais tranquilas, também para elas, existem brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas. Para eles o futebol, luta, pião, basquete e vídeo game são para meninos, enquanto brincadeiras com as mãos, boneca, bambolê são para meninas, ficando a corda, pega-pega, esconde-esconde e vôlei, como brincadeiras que podem ser praticados por todos. A autora, não generaliza ao falar sobre as respostas das crianças, comenta que entre os alunos observados, haviam aqueles que participavam nas brincadeiras ditas por elas de outro gênero, mas reforça que para as crianças é ensinado nas relações familiares e também escolares que algumas brincadeiras sejam só para meninos e outras só para meninas.

O trabalho da Wenez (2005), ajuda a entender as preferências das crianças nas brincadeiras realizadas nas brechas da aula de Multiesportes, como também o porquê de as meninas formarem dupla. Embora na maioria das vezes em que presenciei as crianças nesse momento do início da aula, elas brincassem juntas, talvez porque a brincadeira preferida fosse o pega-pega, não havendo distinção de gênero, tampouco a formação de subgrupos dentre os alunos.

Em certos momentos das brincadeiras que descrevi anteriormente, a sensação que eu tinha é de que ninguém se entendia, que era uma bagunça total. Segundo Buss-Simão (2012), os adultos têm dificuldade de entender que no caos das brincadeiras das crianças, existe uma construção de relação, e que elas expressam e vivenciam o mundo (FREITAS, 2015).

Durante as observações, notei que as crianças confiavam umas nas outras se que através de algumas brincadeiras deixavam claro essa relação. Acredito que isso ocorra pelo fato dos alunos do Multiesportes encontrarem-se no segundo semestre e essa relação entre eles venha desde o início da disciplina, que começara em fevereiro. Segundo a professora, nunca houve brigas, discursões ou desentendimentos entre eles durante as atividades propostas em aula, nem nos momentos onde eles estavam mais livres para brincar.

Uma das brincadeiras que presenciei nos dez minutos iniciais e registrei no diário de campo do dia 05/11/2019, foi o cabo de guerra, contudo, pela falta da corda, utilizaram um dos colegas para substituir a corda. O colega que fez o papel de corda era o mais velho, maior e mais forte, ficando mais dois meninos, um de cada lado, que seguravam os braços do colega central. De onde eu estava observando, parecia que as crianças estavam divertindo-se muito, porque dava para ouvir muitas risadas dos três envolvidos. O menino do meio (a corda), ficava com os olhos fechados deixando seu corpo livre para movimentar-se, demonstrando total confiança nos colegas que o puxavam.

Em outro momento durante a fila, onde aguardavam a vez para participar de uma atividade, presenciei uma situação onde fiquei perplexo com o comportamento de dois colegas, mas após analisando a situação em conjunto de outras, compreendi que. Uma das meninas de frente para um dos meninos, começou a fingir que estava dando socos e pontapés nele, nesse momento fiquei com medo da situação, já que as mãos e os pés da menina ao socar o vento, passava muito próximo do rosto e corpo do colega podendo acertá-lo. Mas para o meu espanto, o menino conversava com a menina sem demonstrar medo ou receio dos golpes, demonstrando confiar na colega, sabendo que ela não o machucaria. Depois de alguns golpes, onde a menina não acertou nenhuma vez no colega, ela trocou a atividade, agora dançava ao conversar com o colega. Inevitável não surgir, a partir dessa situação explicitada, o questionamento de que se, talvez, as crianças não tivessem esse tempo para se relacionar, o menino teria total confiança na menina para que pudessem realizar tal brincadeira. Essas ocorrências aconteceram no sétimo dia de observação, dia 05/11/2019.

Em outro momento, durante o aquecimento que a professora propôs na aula do dia 06/11/2019, onde a atividade era fugir do colega que estivesse com uma bola

de handebol nas mãos, esse com a bola, deveria jogar para acertar os colegas que corriam. Para essa atividade, o primeiro a caçar os outros, foi o aluno mais velho, mais alto e mais forte para pegar os cinco colegas. Nessa atividade o que me chamou a atenção foi a forma com que se comportou o menino mais velho na atividade, ele poderia tirar proveito da sua maior estatura, força e velocidade para pegar os colegas. Mas não foi o que aconteceu, ele de forma muito cuidadosa, aproximava-se o máximo dos colegas e lançava a bola bem devagar, com força apenas para encostar no amigo. Para mim ficou bem clara a intenção de não machucar os colegas, esse sentimento de proteção talvez seja porque ele tem um irmão mais novo, fazendo com que ele seja mais cuidadoso com os menores, mas também não descarto a possibilidade de ele gostar dos colegas

Por fim descreverei alguns momentos que presenciei no pátio da escola, refeitório e estacionamento, fatos que para mim fortalecem o vínculo entre as crianças criado na disciplina de Multiesportes. Como já mencionei na descrição da escola, o pavilhão das salas de aula da primeira e segunda séries, fica no fundo do pátio, aproximadamente trezentos metros da saída da escola, onde fica o estacionamento. No meio do caminho encontrasse o refeitório, onde é possível comprar lanches no final da aula, um local com várias mesas para lanchar tranquilamente, com uma vista panorâmica do pátio da escola.

Diariamente, quando busco o meu filho na sala de aula para ir para casa, paramos na lanchonete para lanchar, observando o pessoal que passa próximo das janelas, caminho de quem vem das salas da primeira e segunda séries. Foram inúmeras as vezes em que passaram colegas da disciplina de Multiesportes e meu filho levantava-se correndo para bater na janela, de forma a chamar a atenção dos colegas que passavam, os mesmos correspondiam, muitas vezes pulando, abanando, correndo em direção a janela e também já acontecera de algum deles adentrarem correndo na lanchonete para um simples abraço. Muitas também foram as vezes em que eu e meu filho estávamos passando pelo lado de fora da lanchonete e fomos surpreendidos por algum colega batendo no vidro e chamando, isso acontecia independente do gênero.

Esses encontros também aconteciam no pátio e no estacionamento, pouco antes do portão que dá acesso a saída da escola, o colega mais velho da disciplina de Multiesportes sempre estava brincando com outras crianças, acredito que colegas

da segunda série e, sempre que passávamos por ele, meu filho corria em sua direção para lhe dar um abraço, voltando com um largo sorriso depois do feito. Outra vez estávamos indo embora e passamos por três colegas da Multiesportes, duas meninas e um menino, eles estavam brincando de pegar, quando uma das meninas viu o meu filho, gritou chamando ele para brincar junto, ele olhou para mim perguntando se podia, sorri e soltei a mão dele, não precisei responder, ele foi correndo na direção dos colegas que prontamente gritaram: “é tu quem pega!” Aguardei alguns minutos até que fomos embora. Nesse dia não tinha Multiesportes, era uma segunda feira dia 28/10/2009, e por sorte/acaso o meu caderno de campo estava no carro e pude registrar estes fatos, imediatamente após.

Através da descrição dos momentos vivenciados pelas crianças, ao longo das observações nas aulas de Multiesportes, foi possível ver que todas as crianças participavam de forma ativa na socialização com seus pares, contribuindo para a criação de vínculos entre elas, levando esse sentimento de amizade fortalecida para fora do espaço da aula, enriquecendo suas experiências e fazendo com que essas vivências tornem-se memórias.

4.1.3 Conhecendo o próprio corpo

Ao observar as crianças, chamou-me a atenção as diversas maneiras com que brincavam, movimentavam-se e exploravam o espaço destinado à disciplina nos diversos momentos de apropriação das aulas de Multiesportes. Em vários momentos presenciei os alunos rolando no chão, virando estrelinhas, em posição de ponte, pendurados nas traves das goleiras, tentando fazer espacato, enrolados na rede de proteção da quadra, testando a velocidade e a força entre eles. Para tentar entender os motivos, irei recorrer aos autores a seguir e descrever algumas ações das crianças nesse sentido.

Para Buss-Simão (2012), o corpo possui uma centralidade nos usos e nas ações das crianças, que o corpo além de sentar, necessita deitar, dobrar, esticar, encolher, conter, relaxar, subir, descer, estando o corpo na base de toda experiência social das crianças e na construção de suas relações. A autora ainda salienta que as

crianças desenvolvem conhecimentos sobre limites e possibilidades dos seus corpos, através dos diversos usos dos espaços, possibilitando a exploração e a descoberta (FREITAS, 2015).

As rodas de conversa nas aulas de Multiesportes, tanto no início, quanto no final, eram realizadas com todos os alunos sentados no chão formando um círculo. No início da aula, esse momento era utilizado pela professora para relembrar o que tinha sido visto na aula anterior e também possibilitar que os alunos comentassem algum fato que quisessem abordar. Por exemplo: a gincana do dia das crianças; o aniversário da escola; a noite do pijama; o que gostariam de ganhar de Natal, dentre outros. E a conversa na roda final era para explicar o que eles tinham aprendido na aula do dia e o que eles iriam aprender na aula seguinte.

Esse momento que acabei de explicar, também servia para que as crianças experimentassem diferentes modos de expressar seus corpos. Inicialmente a professora organizava a rodinha com todos sentados, aproveitando que o piso da quadra era de carpete e simulava um gramado. Digo inicialmente sentados, porque ao longo dos cinco minutos que a conversa durava, as crianças faziam diversas posições. Como por exemplo: posição de índio, sentados com as pernas abertas, sentados sobre os pés, sentados abraçados nos joelhos, deitados com a barriga para cima, com a barriga para baixo, rolando, espacato, abraçados, de joelhos, parada de mãos com a cabeça no piso, batendo de ombros no colega ao lado, fazendo trancinhas ou carinho nos colegas.

Em todas as aulas eu presenciava esse momento e, em diversas vezes, eu vi a professora chamando a atenção para a postura dos alunos, alguns dias mais do que em outros. Teve uma aula registrada no diário de campo do dia 08/10/2019 em que a professora chamou diversas vezes a atenção das crianças, a ponto de falar que nesse dia elas estavam demais, muito agitadas. E, de fato, nesse dia elas estavam muito agitadas, no momento eu achei que fosse o calor, já que nessa noite estava muito quente. Nessa noite tinha uma das meninas que estava mais agitada que os demais, ela não conseguia ficar sentada por muito tempo na roda de conversa inicial. Enquanto a professora estava falando com os outros colegas, ela se deitava e começava a levantar uma perna de cada vez de forma ritmada chutava o ar. Quando chegava a vez dela responder o que a professora perguntava, a professora pedia para ela sentar,

após responder, deitava novamente, só que agora rolava de um lado para o outro, parando quando esbarrava no colega do lado.

As crianças tentavam aproveitar ao máximo o espaço que lhes era destinado para as aulas de Multiesportes. Ao correr, tentavam contornar a quadra inteira, não deixando nem um espaço vazio ou sem uso, nem as goleiras escaparam dos testes do que seus corpos eram capazes de fazer.

Em uma das aulas na qual eu observava e pude registrar no diário de campo do dia 08/10/2019, a formação da fila próxima a uma das goleiras, notei que um dos alunos ao terminar a atividade e voltar para o final da fila, ficou observando a trave superior da goleira. Aproximando-se, estendeu seus braços para tentar alcançá-la e vendo que não conseguia, pulou na direção dessa. Na primeira tentativa não obtivera êxito, partindo para sua segunda tentativa, desta vez com sucesso, conseguindo ficar pendurado com suas pernas balançando. A proeza do aluno causou alvoroço na turma que, aguardando na fila, o cercaram para observar e admirar o feito mais de perto. A partir desse momento, todos aos empurrões tentaram pendurar-se na goleira, alguns conseguiram na primeira tentativa, outros seguiram tentando, alguns com êxito, outros sem ele.

A professora ao notar que sua atividade teria caído no esquecimento, começou a pedir para que parassem com a brincadeira, não sendo escutada nas primeiras vezes, mas sendo obedecida com a insistência dela no pedido. O pedido funcionou só naquele momento, porque logo depois, todos que ficavam próximos da goleira repetiam o feito, mas agora não bastava pendurar-se, a diversão era ver quem aguentava mais tempo pendurado, gerando uma pequena competição.

Pelo que pude notar, uma das meninas aguentava mais tempo pendurada do que os seus colegas, que aceitavam isso com tranquilidade, já que não observei nenhum comentário sobre a menina aguentar mais do que os meninos. Talvez por já estarem acostumados com as habilidades que a colega demonstrara em aula, uma vez que a colega tinha facilidade na execução da maioria das atividades propostas pela professora de Multiesportes. Mas por que será que esta menina tinha mais facilidades? Será que ela havia nascido com esse “dom”?

Em uma conversa que tive com a professora após uma das aulas em que a menina havia sido destaque, demonstrando muita facilidade nas atividades de

voleibol, pude dialogar sobre a minha dúvida. Nessa conversa demonstrei espanto com a diferença dessa menina em relação aos colegas nas atividades, a professora falou que ela tinha facilidade na aprendizagem de todos os esportes da disciplina. Perguntei para a professora se ela sabia o porquê dessa facilidade, ela me respondeu que acreditava vir da convivência com outras crianças em casa, já que havia conversado com a mãe da menina sobre como ela era em casa. A mãe da menina tinha respondido que moravam em um condomínio de casas e que nesse lugar havia quadra de esportes com materiais para as crianças brincarem. Logo, a menina desfrutava do local com outras crianças do condomínio. Para a professora esse era o diferencial, já que em conversa com os outros pais da turma e os filhos, em casa, não tinham acesso a brincadeiras livres com outras crianças.

Depois de tentar entender um pouco sobre as facilidades que a menina demonstrava em aula, voltamos a falar sobre a goleira que havia se tornado importante nas brincadeiras dos alunos. A partir do momento em que as crianças encontraram um outro significado para as traves, elas deixaram de ser simplesmente goleiras para a prática do futebol e do handebol, tornaram-se barras para ginástica, já que depois desse dia, sempre tinha um ou mais alunos pendurados, aumentando o repertório de brincadeiras.

Segundo Queiroz (2006), as crianças tendem inicialmente a utilizar sentidos convencionais, mas com o passar do tempo, são criados novos significados aos objetos. Esses novos significados são característicos da cultura em que estão inseridas, e a brincadeira tem lugar de destaque nas mudanças.

O problema dessa nova brincadeira é que ela começou a ficar um pouco mais arriscada, a partir do momento em que as crianças começaram a explorar um pouco mais do que elas conseguiam fazer. Em um certo momento, a menina que tinha mais facilidades, pendurou-se de cabeça para baixo, prendendo-se com as pernas na trave, chamando a atenção de todos que logo a seguir iriam tentar a mesma acrobacia. A professora ao perceber, chamou a atenção de todos, proibindo a repetição do que a colega havia feito. Para a professora, o que as crianças estavam fazendo era muito arriscado, elas poderiam cair e machucar-se, já que o piso não era adaptado para quedas como na ginástica olímpica.

Percebi que a partir desse fato, a professora ficou mais atenta às brincadeiras nas goleiras, a ponto de um dia ameaçar que iria retirar as goleiras do ginásio. Entendi a preocupação da professora, ela era a responsável pela integridade física das crianças, como ela explicaria para os pais dos alunos se alguma das crianças se machucasse em uma atividade que não fazia parte da aula. Mas o que eu levo desse momento é a curiosidade e a criatividade das crianças para explorar um objeto com um significado definido como as goleiras e criar novos significados para as mesmas.

Para mim fica evidente e muito claro que pela não intervenção de maneira tão tolhida por parte da professora na ressignificação das goleiras, permitiu um ganho enorme para os alunos. Eles puderam enriquecer suas experiências para além da atividade proposta em aula. Puderam experimentar a partir delas mesmas e da interação umas com as outras e se sentir criadoras de suas próprias atividades. Puderam interagir entre elas sem a intervenção de um professor, de um adulto.

Freitas (2015), cita em seu trabalho que as crianças nos seus momentos de lazer, aproveitavam-se de vários aparelhos do ginásio para explorar os limites dos seus corpos, brincam nas traves de equilíbrio, cama elástica, piscina de espumas e barras fixas. Por óbvio que ao comparar as crianças observadas por Freitas, crianças da Ginástica Olímpica de auto rendimento, suas brincadeiras eram de uma dificuldade mais elevada do que, por exemplo, a das feitas pelas crianças da disciplina de Multiesportes. Contudo, podemos, claramente, visualizar um parâmetro de relação entre o que Freitas fala na prática ao observar as aulas de Multiesportes. Freitas (2015), descreve, inclusive, as meninas penduradas pelas pernas em uma barra fixa de cabeça para baixo, em uma de suas brincadeiras.

Através dos comportamentos descritos neste tópico, pode-se notar a necessidade das crianças em explorar diferentes movimentos com seus corpos, de forma a tentar entender do que são capazes, testando seus limites. Para isso, algumas vezes aproveitaram-se de diferentes momentos das aulas e até criaram novos significados para objetos distintos na quadra, como por exemplo, as goleiras do futebol que serviram como barras fixas para suas brincadeiras, demonstrando criatividade na hora de explorar os limites dos seus corpos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso, busquei entender as apropriações das crianças das aulas da disciplina extracurricular intitulada Multiesportes. Pude perceber, através das minhas observações sistematizadas, com o olhar direcionado para as crianças, que elas durante as brechas das aulas (momentos antes de iniciar as aulas e nas trocas de atividades) criavam e estabeleciam de vínculos entre elas e desenvolviam brincadeiras que lhes ofertavam conhecimentos dos próprios corpos.

A partir da leitura depreendida acerca de diversos textos cujos autores já foram referendados no trabalho, acredito ter identificado em minhas observações mais elementos que apontam a importância desses conhecimentos elaborados e vivenciados pelas crianças, através das brincadeiras criadas de forma livre, sem a participação de um adulto, nos momentos oportunos da disciplina. Através dessas brechas, os “espaços ociosos”, criadas por elas, puderam experimentar diversas formas de movimentar seus corpos, criar laços de amizade, trocar experiências com seus pares, contribuindo assim de forma ativa para sua formação cultural, ratificando, mais uma vez, o já dito pelos autores pesquisados. Lembrando que a autorização para a possibilidade desses momentos entre as atividades – “intermeios” – fora sempre uma prática validada pela professora regente da disciplina. Que julgava, assim, como eu, serem momentos importantes para as crianças e que em nada prejudicou ou alterou o conteúdo proposto a ser repassado e atendido em aula.

Cito ainda, que este trabalho traz à tona uma questão que ao longo de toda a minha formação acadêmica me inquietou, qual seja, de que o plano de aula deve ser pensado de forma a não deixar espaços “em branco” durante a execução das atividades. Ao passo que as crianças, mesmo no momento de aguardar a sua vez da fila para realizar a atividade proposta em aula pela professora, devam estar em atividade pensada e planejada. Entendo que essa preocupação se funda mais na possibilidade de o professor vir a perder o controle da turma para a atividade a qual está sendo realizada e o objetivo de aprendizado da aula, do que, de fato, em qualquer outra fundamentação.

Afirmo isso embasado no período em que realizei o processo de observação junto ao Multiesportes, no qual não identifiquei durante o “tempo livre” uma falta de aprendizagem ou uma aprendizagem que fosse menos importante do que a trazida pelo professor, mostrando que ambos conhecimentos são importantes para a formação das crianças. Terminei esse trabalho com o entendimento de que as crianças precisam ter um tempo para brincar e que o professor não é ruim ou menos qualificado, as aulas não são piores, ou menos produtivas, se os seus alunos encontrarem tempo para brincadeiras paralelas em suas aulas. Pelo contrário, no meu ponto de vista, as crianças poderem tanto ter as aulas, quanto o tempo livre durante elas, torna as aulas mais qualificadas e demonstra o quanto o professor tem o domínio da turma, pois, quando precisa da atenção das crianças para as atividades do seu plano de aula, consegue com um simples comando de chamá-las para retornar à atividade.

Como futuro professor de educação física, posso afirmar que após a execução deste trabalho de pesquisa, sinto-me muito enriquecido de conhecimentos. Através das pesquisas bibliográficas foi possível conhecer diversos autores que provavelmente não teria tido a oportunidade de ler, que por sua vez corroboraram com as ideias que eu tinha e me mostraram outras que não havia tido contato. Pude compreender alguns aspectos que compõem a infância e suas relações com as práticas corporais. As crianças apropriam-se das brechas das aulas e estabelecem vínculos entre elas, passam também a ter um maior conhecimento do seu corpo e da sua mobilidade. As observações sistematizadas através dos diários de campo me proporcionaram vivenciar novas experiências, através delas entendi que existem várias formas de se olhar a mesma coisa. Ter tido a oportunidade de ingressar, mesmo que como observador, no universo infantil em uma atividade real – o Multiesportes – foi fundamental para a minha constituição acadêmica enquanto aluno e como futuro professor da Educação Física – licenciatura.

Finalizo este trabalho de conclusão de curso com o sentimento de dever cumprido. Enquanto estudante, sinto-me realizado e também cheio de expectativas com os novos desafios que terei pela frente como futuro profissional. Acreditando que conforme cita Walt Disney, “se você consegue sonhar algo, você consegue realizar”.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. ARIÉS, P. **História social da criança e da família**, 2ª ed. – Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. E-book.

BARBOSA, M. C. S. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: As socializações e a escolarização no entretecer destas culturas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007.

CERISARA, A. B. **Cotidiano na Educação Infantil: De como o Papai do Céu, o Coelho da Páscoa, os anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu**. Zero-a-Seis, v.4, n.5, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosseis/article/view/11195/10661>. Acesso em 15 de julho de 2020.

FOOTE-WHYTE, W. **Treinando a observação participante**. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.), **Desvendando mascaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. E-book. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PESQUISA%20EM%20GEOGRAFIA/Treinando%20a%20observa%E7%E3o%20participante%20-%20Foot-Whyte.pdf. Acesso em: 15 jul. 2020.

FREITAS, M. V. **A participação das crianças no esporte de alto rendimento: para além do como deve ser**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano)- Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/131479>. Acesso em: 14 jul. 2020.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29. Mai/ Jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2020.

GOMES, L. O. **O cotidiano, as crianças, suas infâncias e a mídia**: imagens concatenadas, Pro-Posições, v. 19, n. 3, p. 57, set/ dez de 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v19n3/v19n3a09.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2020.

IBPAD. Disponível em: <https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/o-que-e-pesquisa-etnografica>. Acesso em: 14 jul. 2020

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa-características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v.1, n.3, 2º sem. /1996. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf. Acesso em: 14 jul. 2020.

PAULILO, M. A. S. **A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida**. Serv.Soc.Ver. Londrina, v. 2, n. 2, p.135-148, Jul./Dez. 1999. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n1v2.pdf#page=135>. Acesso em: 14 jul. 2020

POUPART, J.; DESLAURIERS, J.; GROULX, L.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1895937/mod_resource/content/1/04_OB-JACCOUD_MAYER.pdf. Acesso em: 14 jul. 2020.

QUEIROZ, N. L. N.; MACIEL, D. A.; BRANCO, A.U.; BRASÍLIA, U. **Brincadeira e Desenvolvimento Infantil**: Um Olhar Sociocultural Construtivista. Paidéia, 16(34), p.

169-179, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n34/v16n34a05.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2020.

SANTOS, A.; LAURO, B. R. Infância, Criança e Diversidade: Proposta e Análise. Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a23.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2020.

SARMENTO, M. J. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª Modernidade. Instituto de Estudos da Criança Universidade do Minho. Disponível em: <http://sgmd.nute.ufsc.br/content/especializacao-cultura-digital/educacao-infantil/medias/files/culturas.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2020.

SCIMIÉD, M. A Invenção da Infância. 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c0L82N1C7AQ&t=903s>. Acesso em: 14 jul. 2020.

TOMÁS, C. A. As Crianças como Prisioneiras do seu Tempo-Espaço: Do reflexo da infância à reflexão sobre as crianças em contexto global. Currículo sem Fronteiras, v. 6, n. 1, p. 41-55, jan/jun de 2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/tomas.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

WENETZ, I. Gênero e Sexualidade nas Brincadeiras do Recreio. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano)- Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

WINKIN, Y. Descer ao campo. In: WINKIN, Y. **A Nova Comunicação:** Da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus, 1998. E-book. Disponível em: <https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2017/05/yves-winkin-nova-comunicac3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

VYGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. 4. Ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991. E-book. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf. Acesso em: 15 jul. 2020.